

Papa Francisco: O cuidado da casa comum, a fraternidade e a amizade social

Sinivaldo Tavares¹

1. O QUE MAIS LHE CHAMA A ATENÇÃO NA PERSONALIDADE DO PAPA FRANCISCO?

Três aspectos da personalidade do Papa me chamam a atenção em modo particular: lucidez crítica, esperança inveterada e extrema liberdade. Francisco tem manifestado grande lucidez ao discernir as questões candentes de nosso tempo, indo às raízes últimas dos fenômenos e situações. Tem feito análises críticas contundentes, não se satisfazendo com leituras rasas que detectam apenas sintomas, nem com soluções parciais que não atingem as estruturas mais profundas dos fenômenos analisados. Não sucumbe, todavia, à gravidade e urgência dos problemas analisados assumindo posturas trágicas e pessimistas. Tem nos conduzido às fontes da esperança humana e cristã, para daí extrair a seiva que irá nos sustentar no embate cotidiano. É difícil que essas duas atitudes convivam de maneira equilibrada e harmoniosa em uma mesma pessoa. Na maioria das vezes, a presença de uma delas termina por afugentar a outra, criando uma situação de exclusão recíproca. Em seus escritos magisteriais, o Papa tem testemunhado essa rara combinação de textos extremamente críticos com relação à presente situação com textos de bela poesia, reveladores de uma alma profundamente contemplativa. Seu discurso contagia-nos com inveterada esperança ao despertar-nos para a beleza da vida e para a inalienável dignidade de cada criatura e ao rememorar-nos a alegria do Evangelho e dos mistérios da fé cristã.

Por fim, gostaria de ressaltar a atitude do Papa que mais me impressiona: sua extrema liberdade. Seu ensinamento e suas atitudes pastorais têm tensionado setores da Igreja. Seu pontificado tem se caracterizado pela ousadia em formular questões, fomentar discussões e incentivar o diálogo. E tudo isso tem incomodado sobretudo aqueles setores mais reacionários e, conseqüentemente, pouco afeitos a tais processos. Tem sido, pois, com extrema liberdade que Francisco tem acolhido resistências e críticas públicas à sua pessoa e missão. Segundo minha percepção, o Papa tem discernido com cuidado e respeito as questões que lhe são postas, com base em critérios que julga apropriados, e tem prosseguido seu caminho na fidelidade à missão petrina que lhe foi confiada sem se deixar condicionar por críticos nem por eventuais bajuladores.

¹ Doutor em teologia pela Pontificia Università Antonianum, pós-doutorado em teologia sistemática pela PUC RS, professor de teologia sistemática na FAJE, pesquisa temas como ecoteologia, decolonialismo.

2. COMO AVALIA AS CONTRIBUIÇÕES DA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI* SOBRE A FRATERNIDADE E A AMIZADE SOCIAL COM VISTAS À CRIAÇÃO DE UM “NÓS” COMUM, MAIS FRATERO E AMIGO?

Gostaria de destacar, em primeiro lugar, o fio condutor que atravessa o texto da carta encíclica *Fratelli tutti*, a saber: a importância de se recuperar a fraternidade como valor central das relações não só entre os seres humanos, mas também entre os humanos e todos as espécies de seres vivos que habitam o Planeta. Vale a pena lembrar, a título de exemplo, que ao longo de toda a encíclica a palavra “fraternidade” é citada por 44 vezes e o termo “solidariedade”, 22 vezes.

Dito isso, salientaria três elementos que, em minha opinião, constituem a espinha dorsal da *Fratelli tutti*: a) Invejável lucidez crítica; b) Sinal de alerta contundente; c) Interpretação magistral da parábola do bom samaritano.

a. Invejável lucidez crítica

Como de costume, o Papa inicia seu discurso fazendo uma análise crítica da situação em que nos encontramos. E para chamar nossa atenção, Francisco recorre a imagens fortes – plásticas e sugestivas – tais como: “As sombras de um mundo fechado” e “sonhos em pedaços”. Como dito anteriormente, o Papa realiza “uma intervenção cirúrgica”, “colocando o dedo na ferida” e evitando assim de “tapar o Sol com a peneira”. Ele prefere dar nome a fenômenos e situações, no intuito de atingir suas raízes mais profundas. Contudo, ele assim age não por outro motivo senão aquele de nos conclamar ao enfrentamento das causas estruturais dos problemas atuais.

Nesse sentido, ele deflagra quatro pilstras que sustentam o sistema social hegemônico: o mercado que extrapola os limites da simples economia até atingir o âmbito da inteira sociedade caracterizando-a, para todos os efeitos, como “sociedade de mercado”; o neoliberalismo em seu caráter de legitimação política dessa sociedade de mercado; o individualismo como uma das principais características de nossa cultura atual e, por fim, a crise socioambiental como horizonte de fundo a agravar mais ainda as várias crises em meio às quais nos encontramos enredados. Feitas essas distinções, o Papa caracteriza a presente situação como um caso em que a política tem se tornado refém da economia e ambas, servis ao assim chamado “paradigma tecnocrático”. Posição essa já defendida em tons firmes e claros na sua Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum, *Laudato Si’*.

Pressuposta a consciência de que desafios complexos demandam mentalidades, atitudes e práticas integrais, Francisco insiste na importância de sintonizar nossas intervenções locais com a esfera global, reconhecendo e valorizando também as instâncias regionais. Valeria a pena, a esse propósito, levar em conta a relativa autonomia entre os distintos âmbitos: pessoal, interpessoal, comunitário, social e cósmico. Não se quer com isso negar a interdependência existente entre esses vários níveis. Contudo, no bojo dessa interdependência e mutualidade, convém discernir a relativa autonomia de cada âmbito. Essa consciência é

importante para não nos iludirmos de que mudanças possam se dar mediante uma espécie de “efeito dominó”. Cada âmbito necessariamente vai exigir intervenções específicas e o processo todo deverá ser levado adiante simultaneamente respeitando a complexidade do processo envolvendo os vários âmbitos e as respectivas peculiaridades de cada esfera.

b. Sinal de alerta contundente

Gostaria ainda de salientar a força de expressão da imagem “sonhos em pedaços” empregada pelo Papa para caracterizar o tempo presente. Não é a primeira vez que Francisco recorre à imagem dos sonhos. Em sua Exortação pós-sinodal *Querida Amazônia*, ele elege os “sonhos” como espinha dorsal do texto. Sou de opinião que o Papa compreenda sonho, na esteira do grande analista C.G. Jung, a saber: como antecipação de realidades futuras ou, ainda, como concretização prévia de possibilidades e virtualidades adormecidas. Por essa razão, falar em “sonhos em pedaços” seria chamar a atenção para aquela espécie de erosão de nossa capacidade de sonhar. O que equivaleria a dizer que atrofiamos nossa capacidade de transcender à dureza da realidade nua e crua, sufocando possibilidades e virtualidades que anseiam por concretização.

Com invejável ousadia Francisco dirige um sinal de alerta contundente a nós seres humanos enredados em situações que nos separam uns dos outros e nos levam a viver solitários dentro de bolhas encerradas em si próprias. Ele chega a dizer inclusive que nossas sociedades cada vez mais globalizadas nos tornam mais próximos, mas não mais fraternos, e que, na melhor das hipóteses, podem fazer de nós sócios, mas jamais irmãos.

c. Interpretação magistral da parábola do bom samaritano

Após discernir e analisar as raízes estruturais dos grandes problemas que nos afligem e de alertar-nos para os perigos e desafios da presente situação, o Papa nos propõe a relevância da “fraternidade e amizade social” a partir de uma interpretação magistral da parábola do bom samaritano. E o mais interessante é que sua interpretação vai tocar diretamente a questão da propriedade. É quando, então, nos nn. 118ss da *Fratelli Tutti*, Francisco toma posições muito claras ao deflagrar o que poderíamos chamar de “ideologia privatista de propriedade”. Resgatando um dos princípios de nossa tradição de fé – a destinação universal dos bens – Ele chega a afirmar com todas as letras: “O mundo existe para todos”. Nega, portanto, a sacralização da apropriação privatista dos bens naturais e culturais, incluindo os territórios.

Destacaria, em especial, a pedagogia do Papa em retomar a pergunta dirigida por Jesus ao escriba após ter narrado a parábola: “Na tua opinião, quem destes três se tornou o próximo daquele que caiu nas mãos dos assaltantes?” (Lc 10,36). Nota-se, num primeiro momento, a habilidade de Jesus em retorcer a pergunta que antes lhe tinha sido formulada pelo escriba. Perguntado sobre quem seria o próximo, Jesus responde mediante uma contundente questão: quem se tornou o próximo daquele que estava caído? A atitude de Jesus parece revelar, mais que astúcia e habilidade no trato com seu interlocutor, uma experiência radicalmente distinta de Deus e de sua vontade.

A pergunta por quem seja meu próximo pressupõe que nem todos o sejam. Pelo contrário, ela sugere de maneira sub-reptícia que apenas alguns o sejam. A pergunta de Jesus, portanto, desmascara o absurdo da atitude de discriminação que se aninha no interior da pergunta do escriba. Ela põe às claras o *non sense* de sua questão, inaugurando uma atitude que realmente faz jus ao sentido primeiro do mandamento maior do amor a Deus e ao próximo. Ao aproximar-se do outro, manifestando-lhe solidariedade, é que se experimenta o amor ao próximo. O samaritano correu ao encontro do ferido, socorrendo e cuidando dele, não propriamente por ser ele um ser humano autônomo e emancipado, dotado de razão crítica e de vontade livre. Ele o acolheu na sua humanidade desfigurada e cuidou dele em seu radical abandono, precisamente por ser um simples desconhecido. O homem assaltado, ferido e caído à beira do caminho encontrava-se totalmente entregue à compaixão e ao cuidado de quem quer que, por ali passando, se tornasse sensível à sua condição. Ao cuidar daquele ser humano desfigurado e abandonado, o samaritano assumiu sobre si o fardo de uma humanidade desfeita e negada. E, ao fazê-lo, resgatou no melhor dos modos sua própria dignidade e a daquele a quem socorreu. Nesse particular, reside a concretude da proposta feita pelo Papa, a saber: a iniciativa de se instaurar a fraternidade e amizade social.

Gostaria de concluir essas sintéticas reflexões sobre a *Fratelli tutti* citando as instigantes e, ao mesmo tempo, esperançosas palavras do próprio Papa: “*Muitos deixam de ser considerados seres humanos com uma dignidade inalienável e passam a ser apenas os outros. [...] Oxalá, no final não haja os outros, mas apenas um nós*” (nn. 27.35).

3. O PAPA FRANCISCO TEM SE REFERIDO AOS MOVIMENTOS SOCIAIS COMO “POETASSOCIAIS”. COMO VOCÊ VÊ A PARTICIPAÇÃO DO PAPA NOS ENCONTROS DESSES MOVIMENTOS, SUA INICIATIVA EM CRIAR UMA “JORNADA MUNDIAL DOS POBRES”? QUE SIGNIFICADO TEM ESSAS INICIATIVAS? COMO AVALIA?

No tocante à questão acerca da atitude de Francisco em relação aos movimentos populares, gostaria apenas de trazer a contundente afirmação da *Fratelli tutti*: “É possível começar de baixo, de cada um, lutar pelo mais concreto e local, até o último rincão da pátria e do mundo” (n. 78). Aqui, o Papa retoma o mesmo tom que tem assumido em discursos que tem pronunciado em vários encontros celebrados com os movimentos populares. Ele nos interpela a não esperar nada de cima, uma vez que de lá, segundo ele, não poderá vir nada de novo ou de alternativo ao que está posto. Ele chega a dizer que só poderá vir de cima mais do mesmo e talvez algo ainda pior. E é sobretudo por tais razões que o Papa chama os membros desses movimentos de “poetas e poetisas sociais”, por serem eles e elas os artesãos e as artesãs de novas relações que deverão pautar a convivência harmoniosa augurada pelo Papa e por ele proposta na carta encíclica *Fratelli tutti*.

Por fim, gostaria de sublinhar a compreensão de diálogo explicitada pelo próprio Papa na *Fratelli Tutti*, no contexto em que discorre acerca do “amor político” caracterizado, sobretudo, pela ternura e cuidado para com os débeis e caídos. Ele apresenta o diálogo como uma complexidade composta por sete verbos sinônimos: aproximar-se; expressar-se; escutar-se;

olhar-se; conhecer-se; tentar se compreender; procurar pontos de contato. Concebido assim, o diálogo constitui uma verdadeira composição artesanal, tecida ponto por ponto com grande sabedoria e cuidado.

BIBLIOGRAFIA

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano: Libreria editrice vaticana, 2020. Disponível: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/Papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html Acesso: 05/10/2023.